

Montenegro. As aventuras do Marechal que fez uma revolução nos céus do Brasil

O autor desta resenha serviu na Força Aérea Brasileira (FAB) por 35 anos, desde 1963, quando ingressou na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, até 1998, ao passar para a reserva, no posto de coronel-aviador.

Nesse período, estive em São José dos Campos por algumas dezenas de vezes, tratando de questões funcionais, tanto no Centro Técnico Aeroespacial, denominação atual do CTA, como na EMBRAER (Empresa Brasileira de Aeronáutica). Poucas vezes ouviu referências ao marechal do ar Casimiro Montenegro Filho e mesmo essas raras citações falavam tão-somente de sua participação como piloto no voo inaugural do Correio Aéreo Nacional- o CAN.

Assim, cumpria-se a avaliação do marechal, citada nessa sua bio-

grafia, à página 307, de que:

A única coisa que a FAB lembra e entende é que eu fiz o primeiro voo do Correio Aéreo Nacional. A coisa mais vagabunda da minha carreira, para a FAB, é a mais importante. Será que essa gente não enxerga que o que eu fiz naquele dia qualquer tropeiro fazia? Era só pegar o avião e seguir, lá de cima, o caminho da estrada de ferro aqui em baixo. Mais nada. No entanto, para eles, esta é a grande façanha da minha vida. Eles nunca entenderam, realmente, a importância do ITA.

Nesse mesmo período em que Montenegro desenvolvia seu trabalho, a grande referência para a Força Aérea Brasileira era outro marechal, Eduardo Gomes.

Herói dos “Dezoito do Forte”, ex-

MONTENEGRO. AS AVENTURAS DO MARECHAL QUE FEZ UMA REVOLUÇÃO NOS CÉUS DO BRASIL

poente do movimento tenentista, líder da resistência à “Intentona Comunista”, por duas vezes candidato derrotado à Presidência da República, por duas vezes ministro da Aeronáutica, Eduardo Gomes personificou o poder na FAB durante décadas. Costumeiramente citado como figura indômita, de larga visão política e administrativa, era considerado o principal responsável pelo incremento da aviação como instrumento de integração nacional.

Eis aí o maior mérito do livro de Fernando Moraes: desvendar a real dimensão desses dois homens, revelando o contraste gritante entre a mediocridade de Eduardo Gomes e os méritos de Casimiro Montenegro, até então mantido no ostracismo da historiografia brasileira.

O exercício de comparação é ir-resistível. Enquanto Montenegro cria um estabelecimento de excelência científica, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), Eduardo Gomes dedica-se a conspirações golpistas. Enquanto Montenegro se preocupa em montar um empreendimento de alta tecnologia, com grandes mestres e equipamentos de ponta, entre os quais túneis aerodinâmicos e computadores, Eduardo quer saber se os alunos do ITA arrumam corre-

tamente suas camas.

Enquanto Montenegro incentiva parcerias com indústrias avançadas, para iniciar a fabricação de jatos no Brasil, Eduardo trabalha contra esta idéia, pois entende que a aviação a jato não tem futuro. Montenegro busca a colaboração de inteligências, onde elas se encontrarem, ainda que seja em um arquiteto comunista, como Oscar Niemeyer, autor do projeto vencedor para a construção do CTA, mesmo com o veto do presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra. Eduardo alinha-se ao segmento mais conservador e reacionário da Força Aérea, com seus expoentes brigadeiros João Paulo Penido Burnier e Henrique de Castro Neves, entre outros, na perseguição aos desafetos políticos.

Após a vitória do golpe militar de 1964, Montenegro tenta por todos os meios impedir a instauração de inquéritos destinados a punir alunos e professores do ITA acusados de comunistas e subversivos. Depara-se com um intransigente e vingativo ministro, Eduardo Gomes, nomeado por Castello Branco, que determina sua substituição na direção do CTA, de forma humilhante, exatamente por um oficial sem qualquer grandeza e sem capacidade de ava-

liar que tipo de trabalho se desenvolvia naquela Escola, o brigadeiro Castro Neves.

Lançada apenas dois anos após as comemorações do centenário de nascimento do marechal Montenegro (nasceu em 29 de outubro de 1904, em Fortaleza, e faleceu em 26 de fevereiro de 2000, em Petrópolis), essa biografia não pode ser considerada uma obra literária elaborada sob rigor científico. O próprio Fernando Morais, em palestra proferida em Fortaleza, Ceará, em fevereiro de 2007, declarou que procura estruturar seus textos segundo a técnica novelesca, em que a narrativa deve buscar prender a atenção do leitor, desde suas linhas iniciais.

No caso da biografia de Montenegro, a abertura do primeiro capítulo narra a decolagem no Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro, de uma aeronave pilotada pelo jovem tenente cearense, que, com essa manobra arrojada, fugia para se aliar às forças que haviam se levantado contra o governo federal, em Belo Horizonte, por ocasião da Revolução de 1930.

A narrativa prossegue se desenvolvendo com agilidade tal que parece compor um texto de roteiro cinematográfico. Não seria, pois, coincidência Morais anunciar, na

mencionada palestra, que já fora procurado por produtores, que pretendem levar a história do marechal para as telas.

Muitos episódios são descritos, diálogos reproduzidos e afirmações feitas sem que a fonte seja referida. Em alguns casos, a falha é mais grave. No capítulo 12, página 195, o autor cita testemunhos de alunos e professores para afirmar que o brigadeiro João Paulo Burnier, destacada e violenta figura da repressão política nos anos de Ditadura Militar, fazia visceral oposição ao ITA por ter sido compulsado a se desligar da instituição, flagrado que fora colando, quando da realização de uma prova, pecado capital no código de honra dos alunos. As comprovações do fato são uma citação manuscrita de Montenegro e depoimentos em *off* de pessoas, que, segundo a surpreendente avaliação do autor, ainda tinham medo de falar sobre o assunto ante um gravador ligado, passados mais de quarenta anos dos fatos narrados e já morto o temido brigadeiro.

Por ocasião da anteriormente referida palestra de Fernando Morais em Fortaleza, um engenheiro formado pelo ITA e contemporâneo dos acontecimentos que envolveram Bur-

MONTENEGRO. AS AVENTURAS DO MARECHAL QUE FEZ UMA REVOLUÇÃO NOS CÉUS DO BRASIL

nier naquele Instituto, ocupou o microfone para enaltecer o marechal Montenegro, mas também para contestar a acusação de cola contra o brigadeiro. “O caso não foi bem assim”, disse o engenheiro. “O caso que você conhece pode não ter sido, mas o que eu narro foi”, retrucou o escritor-biógrafo, fechando a questão.

Certamente tais deslizes não desfiguraram a história. Pelo contrário, a trajetória de um personagem tão rico quanto discreto, como o marechal Casimiro Montenegro, deita luzes sobre fatos pouco conhecidos, vividos nas conturbadas décadas de 1930 a 1960, tendo como ponto de partida o movimento tenentista. A vitória da chamada Revolução de 30 possibilitou a ascensão ao cenário político nacional de jovens oficiais das Forças Armadas, muitos designados para ocupar cargos de relevo nos governos federal e estaduais. O próprio Montenegro, no posto de tenente, com menos de 30 anos de idade, foi designado para comandar a única unidade de aviação militar na capital paulista.

Dentro das próprias forças militares, com ênfase na nova arma que se formava, a Aviação, a autonomia de que desfrutavam os jovens oficiais contribuiu para que os mais

capazes dispusessem de ampla liberdade para desenvolver projetos de inestimável interesse para a nação. O Ministério da Aeronáutica, criado em janeiro de 1941, com sua estrutura e regulamentos ainda em fase de elaboração, era terreno fértil para grandes empreendedores. E os empreendimentos foram numerosos, podendo-se alinhar, entre eles, a heróica abertura de rotas aéreas pelo interior do país, a formação de tripulantes para a aviação civil e de técnicos para a manutenção de aeronaves, a construção da infraestrutura aeroviária, a participação na Segunda Guerra Mundial, e a montagem de uma inegavelmente bem sucedida indústria aeronáutica.

O marechal Casimiro Montenegro, como bem demonstra o livro de Fernando Morais, atuou com destaque em várias dessas tarefas, importantes para a sedimentação da nação brasileira.

Ao se encerrar a leitura dessa biografia, predomina o sentimento de se ter conhecido um grande brasileiro, através de uma obra literária que lhe fez verdadeiramente justiça.

Nota: MORAIS, F. Montenegro. **As aventuras do marechal que fez uma revolução nos céus do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.